

# AGLOMERADOS E ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO: UMA COMPARAÇÃO ENTRE DOIS ARRANJOS TRADICIONAIS\*

CLUSTERS AND DEVELOPMENT STAGES: A COMPARISON  
BETWEEN TWO TRADITIONAL ARRANGEMENTS

Pâmella Gabriela Oliveira <sup>1</sup>  
Cléber Carvalho de Castro <sup>2</sup>  
Nathália de Fátima Joaquim <sup>3</sup>

## RESUMO

Nas últimas décadas tem-se observado um aumento significativo de pesquisas que tratam sobre a aglomeração geográfica de empresas. O interesse por essa temática parte não só de pesquisadores, mas também de administradores públicos que visualizam estes aglomerados como uma importante fonte de competitividade. Várias denominações são desenvolvidas buscando representar as peculiaridades destas formas organizacionais, como *clusters*, distritos industriais, dentre outros. Independente da nomenclatura utilizada, torna-se crucial entender o processo de formação desses aglomerados. O conhecimento da história de determinados setores é de suma importância não só para verificar os fatores que geraram a vantagem competitiva para o aglomerado, mas também para entender seu potencial e qual melhor planejamento para aquele determinado estágio. Diante dessas considerações, este artigo se propõe a verificar as diferenças e semelhanças entre os estágios de desenvolvimento de dois aglomerados tradicionais: o de confecções no município de Divinópolis (MG) e o de cerâmica no município de São João del-Rei (MG), identificando em que nível de desenvolvimento se encontram. Para atingir o objetivo proposto, o estudo utiliza de uma triangulação de dados oriundos de uma historiografia e entrevista episódica. Encontram-se como pontos de convergência: desemprego, possibilidade de geração de renda, aumento da cooperação, habilidade artesanal, qualificação, facilidade de acesso à matéria-prima e incentivos de órgãos de fomento. Ainda, destacam-se diferentes motivações e diferentes incentivos governamentais como fatores divergentes no desenvolvimento desses aglomerados. Cabe ressaltar que a consolidação desses aglomerados está associada, além dos fatores econômicos, às condições do ambiente social, político e cultural.

**Palavras-chave:** Aglomerados. Estágios de Desenvolvimento. Setores Tradicionais.

## ABSTRACT

In the last decades has been observed a significant increase in research dealing on the geographical agglomeration of firms. The interest in this theme is not only to researchers but also for public administrators, who view these agglomeration as an important source of competitiveness. Various names are developed searching to represent the peculiarities of these organizational forms, such as clusters, industrial districts, among others. Regardless of the nomenclature used, it becomes crucial to understand the formation process of these clusters. The knowledge of the history of certain sectors is important not only to identify factors that led to competitive advantage for the cluster, but

\* Artigo apresentado no XII SEMEAD - Seminários em Administração FEA-USP realizado em São Paulo (SP), nos dias 27 e 28 de agosto de 2009.

<sup>1</sup> Mestranda em Administração pela Universidade Federal de Lavras. Bolsista CNPq. E-mail: pamellagabi@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Professor pesquisador da Universidade Federal de Lavras. Doutor em Agronegócios pela UFRGS. Mestre em Administração pela UFRGS. E-mail: clebercastro@ufla.br.

<sup>3</sup> Mestranda em Administração pela Universidade Federal de Lavras. Bolsista CAPES. E-mail: nathaliafjoaquim@hotmail.com.

also to understand its potential and what better plan for that particular stage. Given these considerations, this paper proposes to investigate the differences and similarities between the stages of development of two traditional clusters: the clothing in Divinópolis (MG) and the ceramics in São João del-Rei (MG), identifying at what level of development they are. To achieve this purpose, the study uses a triangulation of data, with data based on historiography and episodic interview. Points of convergence can be found: unemployment, income generation, increased cooperation, craftsmanship, skills, ease of access to raw materials and incentives for government. Still, there is different motivations and different government incentives such divergent factors in the development of these clusters. It emphasized that the consolidation of clusters is not only based on economic factors, but also on social, cultural and political factors.

**Keywords:** Clusters. Stages of Development. Traditional Sectors.

## INTRODUÇÃO

As mudanças ocorridas nas últimas décadas têm trazido profundas modificações nas abordagens sobre a construção de vantagens competitivas. A globalização juntamente com a crescente intensidade do conhecimento força as firmas a terem desempenho superior não só em custos, mas também em qualidade, tempo de resposta e flexibilidade. Cada vez mais pressionados por resultados positivos, economistas e administradores voltam suas atenções para análises urbanas e regionais e, principalmente, pelos benefícios decorrentes de uma maior proximidade física.

Apesar de distintas entre si, muitas vezes, as abordagens e conceitos de aglomerados apresentam fortes similaridades no que se refere à estrutura, operação e atores envolvidos. As definições mais correntes referentes aos aglomerados são aquelas relacionadas aos *clusters*, arranjos produtivos locais e distritos industriais. Muitas dessas definições se voltam para aspectos relacionados ao tamanho do aglomerado, proximidade, tipo de empresas envolvidas, e tipo de setores, como tradicionais ou de alta tecnologia. Para o presente trabalho, considerou-se adequado utilizar a nomenclatura aglomerado, uma vez que a essência é a mesma e a discussão de peculiaridades de cada nomenclatura não se constitui o objetivo central deste trabalho.

Independente do termo utilizado, torna-se crucial entender o processo de formação do aglomerado. Pode-se observar que o aprimoramento de um aglomerado geralmente implica em elementos que

variam no tempo e podem levar a diferentes caminhos de desenvolvimento. Portanto, conhecer a história de determinados setores é de suma importância não só para verificar os fatores que geraram a vantagem competitiva para o aglomerado, mas também para entender o potencial que o setor possui e qual melhor planejamento para aquele determinado estágio de desenvolvimento.

Considerando a importância dos aglomerados para o atual ambiente competitivo e também a relevância do conhecimento de seu desenvolvimento, o objetivo deste artigo foi analisar os estágios de desenvolvimento de dois aglomerados para responder a seguinte questão: “existem diferenças e semelhanças entre os estágios de desenvolvimento de aglomerados pertencentes a setores tradicionais?”. O primeiro aglomerado analisado, de confecções, situa-se no município de Divinópolis (MG). O segundo, de artesanato ceramista, situa-se na comunidade Rio Acima, no município de São João del-Rei (MG).

O presente estudo justifica-se principalmente na importância do desenvolvimento local para aumento da competitividade das regiões em estudo. Além dos aglomerados pesquisados possuírem poucos estudos aprofundados sobre seus estágios de desenvolvimento, acredita-se que a existência de diferenças e semelhanças entre eles pode proporcionar bases para um melhor planejamento de políticas públicas e incentivos por parte de outros órgãos de fomento. Para atingir o objetivo proposto, o estudo utiliza de uma triangulação de dados, com dados oriundos de uma historiografia (VERGARA, 2005) e entrevista episódica (FLICK, 2004), escolhidos por serem métodos que permitem a obtenção de dados históricos.

Além desta introdução, este artigo contém outras quatro partes. A seção seguinte discute os principais conceitos relacionados aos aglomerados e aos estágios de desenvolvimento. Posteriormente, é apresentada a metodologia utilizada para o presente estudo. A seção quatro apresenta a análise dos resultados e a seção seguinte, as considerações finais.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Buscando verificar o que a literatura aponta a respeito das aglomerações, este tópico apresenta a fundamentação teórica do estudo que se encontra estruturada em duas partes. A primeira discorre sobre os distritos industriais, *clusters* e aglomerados, destacando suas classificações e relações. A segunda parte objetiva apresentar a base temporal dos estudos sobre aglomerados, com ênfase nos estágios de desenvolvimento desses.

## 1.1 DISTRITOS, CLUSTERS E AGLOMERADOS

Nas duas últimas décadas, tem-se observado um aumento no número de pesquisas sobre aglomerações geográficas de atividades econômicas. A expectativa é que essas aglomerações melhorem o desempenho das firmas devido a um maior acesso a recursos especializados e ao conhecimento (MCCANN; FOLTA, 2009).

As vantagens obtidas nos aglomerados urbanos têm sido percebidas ao longo do tempo, e já recebeu a atenção de Adam Smith e Alfred Marshall (PUGA, 2010). Porém, o desenvolvimento extraordinário de determinadas regiões, particularmente no Vale do Silício, nos EUA e na Terceira Itália, chamaram a atenção de pesquisadores e formuladores de políticas públicas para a relevância da dimensão espacial para a competitividade das empresas. Autores como Piore e Sabel (1984), Best (1990) e Porter (1989) reforçaram a ideia da competição baseada nas relações interorganizacionais geograficamente localizadas.

O interesse no estudo da situação de aglomeração industrial não ficou restrito aos distritos industriais italianos, mas estendeu-se para diversas outras experiências de aglomeração nos países avançados e depois para os países em desenvolvimento (KELLER, 2008). Desde então, este fenômeno tem chamado atenção e recebido diferentes denominações: *cluster*, aglomerações, distritos industriais, arranjos produtivos locais, entre outros.

De acordo com Cassiolato, Szapiro e Lastres (2004), a ideia de aglomeração torna-se explicitamente associada ao conceito de competitividade, principalmente a partir do início dos anos 90. A localização da empresa é um elemento-chave para definir sua competitividade, uma vez que os vínculos mais estreitos entre empresas, clientes e outras instituições afetam a vantagem competitiva (CRUZ et al., 2009).

Há uma distinção entre três tipos de aglomeração: aglomerações industriais em setores tradicionais ou artesanais; complexos hi-tech; e aglomerações baseadas nas presenças de grandes empresas. Especificamente as aglomerações em setores tradicionais ou artesanais (como aqueles de sapatos, confecções, metalurgia, dentre outros) ilustram a importância da cooperação, especialização da produção e arranjos sociais e institucionais informais (CASSIOLATO; SZAPIRO; LASTRES, 2004).

Britto (2004), tratando de modo específico de arranjos produtivos, classifica-os em tradicionais e hierarquizados. Os arranjos considerados tradicionais possuem uma estrutura pouco hierarquizada, com forte presença de pequenas e médias empresas, produção

de bens pouco complexos, e especialização flexível. A consolidação desses arranjos está associada, além de fatores econômicos, às condições do ambiente sócio-político-cultural. Em termos da qualificação de mão de obra, há uma baixa exigência relativa de qualificação formal, mas muita exigência de qualificação informal (técnica e artesanal). Já os arranjos hierarquizados possuem centralização dos fluxos produtivos e do comando decisório nas mãos de grandes empresas, com produtos unitários ou em escalas reduzidas.

Ao trabalhar com o termo *cluster*, Britto (2004) afirma que sua principal característica é a concentração setorial e geográfica de empresas, o que gera ganho de eficiência coletiva, ou seja, vantagem competitiva advinda das economias externas locais e da ação conjunta dos agentes participantes. Para Schimitz e Nadvi (1999), o *cluster* se originou da discussão de indústrias de pequena escala que receberam apoio de pequenas firmas dos distritos industriais na Europa, especialmente na Itália, conquistando mercados internacionais. Amato Neto (2001) aponta para a dificuldade de se caracterizar um *cluster* na prática. Para ele, essa dificuldade não altera em nada o fato essencial de que a aglomeração traz ganhos de eficiência, que não seria atingida caso os produtores agissem isoladamente.

Gordon e McCann (2005) afirmam que o desenvolvimento regional alcançado por esta concentração regional de empresas reduz os custos de processo e aumentam a eficiência inovativa, tanto de processos quanto de produtos. Segundo Porter (1999), são muitas as vantagens advindas com o relacionamento entre aglomerados. Dentre elas, pode-se destacar a obtenção de *feedbacks*, que geram informações importantes para gestão e manutenção da competitividade do aglomerado, facilidade quanto a realização de trocas de tecnologias, maior proximidade entre os envolvidos, desenvolvimento de estratégias gerais pelo grupo, vantagens no elo final da cadeia de produção, entre outros.

Autores como Markusen (1996) adotam algumas tipologias de redes focadas em Distritos industriais. Segundo Markusen (1996), a tipologia de redes de empresas baseia-se na relação que as empresas mantêm com as outras que pertencem ao mesmo distrito e também com aquelas que estão externas a ele. Segundo Keller (2008) os elementos distintivos em uma configuração ideal típica de distrito industrial podem ser colocados em três dimensões: uma divisão de trabalho entre as firmas do distrito que promove altos níveis de flexibilidade e de produtividade; um meio social distinto que inclui desde uma rede

institucional local até práticas e atributos culturais; a rede que inclui tanto laços horizontais quanto laços verticais.

Embora uma aglomeração possa receber diversas nomenclaturas (clusters, arranjos produtivos, distritos industriais...), nota-se que há alguns pontos de convergência entre elas. Estas nomenclaturas possuem como elementos principais: a *concentração de empresas* que desempenham atividades semelhantes, *em um mesmo território*, e a existência de *relações interorganizacionais* entre as empresas e destas com outras instituições locais.

Para Ferreira, Goldszmidt e Csillag (2009), apesar da falta de consenso sobre a definição e forma de operacionalização de *clusters* e arranjos produtivos, não faltam exemplos de estudos que confirmam uma relação positiva entre concentração industrial e desempenho. Ainda, segundo Puga (2010), pensando pelo lado teórico, há bons modelos de aglomeração por meio do compartilhamento e apropriação de informações, mas não uma profunda compreensão teórica suficiente de aprendizagem em ambientes urbanos.

Assim, para o presente trabalho, considerou-se adequado utilizar a nomenclatura aglomerado, uma vez que a essência é a mesma e a discussão de peculiaridades de cada nomenclatura não se constitui o objetivo central do estudo. Utilizar-se-á ainda a classificação de aglomerados tradicionais, como apontado por Britto (2004) e Cassiolato, Szapiro e Lastres (2004), pelo fato de os aglomerados em estudo possuírem características relacionadas a esta classificação.

## 1.2 ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO DE AGLOMERADOS

Baseados na ideia de que uma atenção ao aspecto regional é inevitável para efetivar o desenvolvimento e estabelecer uma vantagem competitiva, pesquisadores focam seus estudos sobre os aglomerados. Segundo Porter (1999), os aglomerados variam em tamanho, amplitude e estágios de desenvolvimento, ou seja, possuem uma diferença na estrutura dos setores constitutivos. Dessa forma, conhecer a história de determinados setores torna-se crucial para entender como se gerou a vantagem competitiva e o desenvolvimento do mesmo (PORTER, 1999), além de ajudar a entender o potencial efetivo do setor e executar melhores planejamentos de políticas e ações (PARRILLI, 2007).

Brusco (1990) procurou demonstrar a importância dos modelos de aglomerados através de uma base temporal. O autor propôs uma sequência a partir

de quatro modelos históricos. Além desse trabalho, Brusco (1999) analisou o conteúdo, estrutura e processo de formação de normas e regras escritas e não escritas no distrito industrial da Emilia-Romana. Um de seus objetivos era ajudar a explicar a maneira na qual a história tem escrito as regras do distrito. Suas análises não sugerem que todo aglomerado tenha necessariamente que passar por todos esses estágios de desenvolvimento. A mobilização de um determinado arranjo geralmente implica em conjuntos específicos de requerimentos que variam no tempo e podem levar a diferentes caminhos de desenvolvimento (CASSIOLATO; LASTRES, 2004).

Alguns estudos foram realizados levando em consideração os estágios de desenvolvimento de aglomerados. Lemos et al. (2000) realizaram um estudo sobre o histórico da implantação do arranjo produtivo da rede Fiat de Fornecedores em Minas Gerais, destacando a importância do incentivo governamental para o fomento do desenvolvimento desse arranjo. Guerrieri e Pietrobelle (2004), em um estudo comparativo entre os regimes de evolução e tecnologia dos distritos industriais da Itália e Taiwan, destacaram que a chave para explicar o sucesso de micro e pequenas empresas na globalização é a coevolução de ligações de conhecimentos domésticos e internacionais. Parrilli (2007), observando os estágios de desenvolvimento dos distritos industriais italianos, reconheceu a importância do aprimoramento através de estágios graduais e exequíveis no processo de crescimento de aglomerados de micro e pequenas empresas.

Nota-se, portanto, que considerar as mudanças históricas ocorridas, incluindo tanto os fatos internos aos aglomerados quanto os externos, são fundamentais para entender o desenvolvimento e para promover ações futuras que objetivam a perpetuação destes aglomerados. Apesar da importância do entendimento desse processo histórico, que fatores devem ser considerados para a elaboração dos estágios de desenvolvimento?

De acordo com Boari (2001), ao se preocupar com o problema das origens e crescimento de aglomerados, muitas pesquisas focam a importância das economias externas, da divisão local de trabalho, e da influência das estruturas sociais na natureza da competição na área. Outras, pontuam que muitos aglomerados regionais tiveram suas origens em condições particulares, a partir de fatores e demandas locais e a presença de indústrias relativas. Outro ponto destacado é que as forças que proporcionaram a vantagem inicial para o aglomerado podem perder

seu poder ao longo do tempo, sendo necessário novas forças para fortalecer o seu crescimento.

Schmitz e Nadvi (1999) destacam que somente as economias externas não conseguem explicar a eficiência coletiva do arranjo. Por esse motivo, uma eficiência coletiva ocorreria através de uma vantagem competitiva derivada de economias externas e ações conjuntas. Mais especificamente, Porter (1999) ressalta seis fatores de motivação para a constituição das primeiras empresas do aglomerado a saber: disponibilidade de fatores; demanda local incomum, sofisticada ou rigorosa; existência anterior de fornecedores; empresas inovadoras que estimulam o crescimento de outras; iniciativas empreendedoras; e fatores aleatórios.

A partir de sua revisão, Parrilli (2007) identificou duas abordagens sobre o desenvolvimento dos aglomerados: o desenvolvimento espontâneo, que está relacionado ao dinamismo endógeno do local; e a eficiência coletiva, relacionada à indução política e estruturas legais. Para o autor, combinando as duas podemos alcançar um resultado importante, porém só elas não conseguem explicar o sucesso. Seria também necessária a inclusão de uma perspectiva adicional - a abordagem do enraizamento social, que se refere a uma área do comportamento humano não dirigida unicamente por motivações econômicas, mas também por elementos não econômicos. Dessa forma, uma abordagem eclética para desenvolvimento dos aglomerados, que leva em conta três níveis (econômico, social e político), pode ajudar a melhor explicar o crescimento do sistema e promovê-lo em outro lugar através de políticas apropriativas.

Pode-se observar que existem pontos importantes que não podem deixar de ser considerados ao se tratar os estágios de desenvolvimento de aglomerados. Para a presente pesquisa, optou-se pela utilização da denominação dos fatores em econômicos, sociais e políticos (PARRILLI, 2007). Nos fatores econômicos estariam englobados as economias externas, a divisão local do trabalho, a demanda local e a presença de fornecedores e indústrias relativas. Nos fatores sociais englobam-se as ações conjuntas, a influência das estruturas sociais e as iniciativas empreendedoras. E nos fatores políticos considera-se a constituição de leis e instituições de apoio aos aglomerados.

## 2 METODOLOGIA

O presente artigo caracteriza-se como um estudo exploratório, com uso da triangulação de dados. Segundo Vergara (2005), no âmbito das ciências sociais, a triangulação pode ser definida como uma estratégia

de pesquisa baseada na utilização de diversos métodos para investigar o mesmo fenômeno. Assim, o emprego desse método é a tentativa do pesquisador em aumentar a confiança dos resultados do seu estudo, tendo em vista a complexidade dos fenômenos que constituem o objeto de estudo das ciências sociais. Especificamente nesta pesquisa foi utilizada uma triangulação de dados oriundos de uma historiografia (VERGARA, 2005) e entrevista episódica (FLICK, 2004) ou história oral (HAGUETTE, 1987; VERGARA, 2005).

Denomina-se historiografia como sendo um método de pesquisa que visa ao resgate dos acontecimentos e das atividades humanas ao longo do tempo, possibilitando desvendar as mudanças, as contradições e as tendências da realidade social (VERGARA, 2005). A historiografia é realizada através de uma pesquisa documental em acervos históricos, atas de reuniões, histórico de entidades e outros tipos de documentos.

A entrevista episódica, segundo Flick (2004), traz a suposição de que as experiências que um sujeito adquire sobre um determinado domínio estejam armazenadas e sejam lembradas nas formas de conhecimento narrativo-episódico e semântico. Assim, na entrevista, presta-se atenção especial a situações ou episódios nos quais o entrevistado tenha tido experiências que pareçam relevantes à questão do estudo.

Esse método é também conhecido como história oral, no qual ocorre o relato do entrevistado sobre um acontecimento do qual ele tenha participado ou que chegou até ele por meio de relatos de antepassados e outras pessoas. A história oral nos permite considerar vários aspectos da história que não estão expressos nos documentos (HAGUETTE, 1987). Para Vergara (2005), a história oral é uma metodologia de pesquisa que visa ao estudo e ao registro de acontecimentos, de temas históricos contemporâneos que permitam acessar pessoas que ainda estejam vivas. Haguette (1987) observa que, por basear-se no depoimento pessoal e na memória, a história oral está sujeita a críticas no que diz respeito à validade das informações. Dessa forma, as informações podem ser checadas não só internamente, como externamente, por meio de um confronto com dados provenientes de outras fontes.

Seguindo esse referencial, foi realizada inicialmente uma pesquisa documental abordando dados históricos das regiões em estudo. Em seguida, foram realizadas duas entrevistas episódicas, com participantes de entidades promotoras dos aglomerados de confecção em Divinópolis (MG) e artesanato ceramista na região do Rio Acima em São João del-Rei

(MG), buscando o histórico do desenvolvimento desses setores e comparando com os resultados obtidos na primeira parte da pesquisa.

### 3 RESULTADOS

#### 3.1 DIVINÓPOLIS E A INDÚSTRIA DE CONFECÇÕES

Divinópolis faz parte da Mesorregião Oeste de Minas e tem grande representatividade econômica e populacional no Estado de Minas Gerais. As indústrias com maior dinamismo na cidade são as do vestuário, cachaça e siderurgia. Em comparação às outras cidades de sua microrregião, Divinópolis oferece serviços mais modernos, têm uma economia mais estruturada e maior raio de influência e poder de atração (ALVIM; CARVALHO; OLIVEIRA, 2007).

Em 2009, Divinópolis completou 97 anos de emancipação política e, por esse motivo, se comparada às demais cidades da região é considerada uma cidade de formação recente. Sua população é predominantemente urbana, chegando a 209.921 habitantes (IBGE, 2008). O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) do município (0,831) em 2005 foi superior ao IDH-M do Estado (0,773). Outro fator importante para o município é sua participação no PIB de Minas Gerais que se manteve na média de 1,07% nos últimos anos, configurando-se o maior do Centro-Oeste.

Como apontado por Alvim, Carvalho e Oliveira (2007), o setor de confecções é um dos que mais se destacam na cidade. Os estágios de desenvolvimento do aglomerado de confecções foram divididos em quatro, levando em consideração os acontecimentos marcantes que trouxeram grandes modificações para a atividade.

*1º estágio - Da chegada da estrada de ferro à crise do setor siderúrgico:*

Esse estágio foi marcado pelo desenvolvimento específico do município, destacando-se seu processo de urbanização devido à chegada, em 1890, da estrada-de-ferro do Oeste de Minas. Com o desenvolvimento advindo da estrada de ferro, em 1912, a cidade é emancipada e seu desenvolvimento torna-se atração para os povoados vizinhos. A principal atividade desenvolvida nesta época era a siderurgia. A atividade no setor de confecções tinha poucos vestígios, sendo concentrada nas atividades realizadas pelas mulheres dos ferroviários, de forma muito amadora. Segundo alguns moradores da cidade, nesta época não havia muitas lojas com um preço acessível à população e por esse motivo as roupas eram confeccionadas dentro da própria família, para subsistência.

Na década de 1970, com a crise da siderurgia,

milhares de trabalhadores foram demitidos e várias empresas foram fechadas. As dificuldades provocaram o surgimento da indústria da confecção que contornou o desemprego crescente e se transformou em uma importante alternativa econômica para o município e para o estado. Aquelas mulheres que antes produziam para subsistência começam a encontrar em seu trabalho uma fonte de renda.

*2º Estágio - Da entrada de indústrias fornecedoras aos “Feirões”*

Na mesma década em que ocorreu a crise do setor siderúrgico instalou-se na cidade a primeira fábrica têxtil. O problema da oferta de matéria-prima começa a ser suprido pela vinda da fábrica têxtil e de outros atacadistas que se instalaram na cidade, aumentando a possibilidade de abertura de confecções. Assim, em 1980 começa-se a se formar uma aglomeração, na qual as primeiras empresas surgiram como resultado das demissões e da proximidade com a matéria-prima. Até o final da década de 1980, o crescimento do setor pode ser considerado normal. Com o aumento da importância do setor, em 1989 foi fundado o SINVESD - Sindicato das indústrias do vestuário de Divinópolis - para representar as indústrias de confecção da cidade. Com a formalização do sindicato, criaram-se algumas ações para desenvolvimento, para melhorias e para o crescimento do setor.

Uma das principais ações do sindicato foi a criação dos “Feirões”, onde havia cerca de 300 empresas expondo seus produtos. Nestes Feirões contava-se com presença de excursões de várias partes do Brasil, uma vez que a cidade possuía um número grande de produtos, de menor qualidade, mas que possuía um preço muito atrativo. O comportamento do consumidor foi de suma importância nessa época, pois estimulou a criação de novas empresas, mesmo que informais.

*3º Estágio - Do rápido crescimento ao declínio no setor*

Com a criação dos “Feirões” houve um crescimento muito rápido do setor: de 300 empresas, evoluiu para 1200 o número de confecções participantes, um crescimento de quase 400% em cinco anos. Nesta época vinham aproximadamente 50 ônibus com sacoleiras de várias partes do Brasil e era um momento no qual tudo que era produzido era vendido, o consumo era grande e a oferta pequena. Em 1996, com o objetivo de habilitar técnicos em nível médio, foi criado pelo Centro Federal Tecnológico - Cefet, a habilitação na área de Vestuário, pelo fato deste tipo de indústria estar desempenhando um papel de grande importância no município.

O rápido crescimento do setor trouxe alguns problemas, dentre os quais se destaca a criação

de uma imagem relacionada a produtos de baixa qualidade e baixo preço. Com a criação de outros pólos no país como Goiânia, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, aumentou-se o número de concorrentes, os clientes ficaram cada vez mais dispersos e, como o mercado dependia do feirão, percebeu-se essa grande diminuição.

Com esses problemas, procurou-se modificar o cenário criando *shoppings* especializados no setor, próximos à rodoviária, formalizando aquelas lojas que vendiam para sacoleiras, lojistas e clientes finais. Durante esse processo ocorreu um filtro natural, muitas empresas fecharam, pois muitos clientes que compravam em Divinópolis já estavam comprando em outros lugares. Além disso, persistia o problema do “atacarejo” e as empresas geralmente não conseguiam ter um diferencial, todas criavam o mesmo produto e ainda disputavam por preço.

4º Estágio - Do declínio à reestruturação: um novo contexto, um novo planejamento

Na tentativa de buscar novos mercados, algumas empresas iniciaram, em 2000, sua participação em feiras nacionais e internacionais, uma vez que o mercado estava em decadência. Em 2002 foi criado o Programa Brasil Empreendedor, no qual estava incluído o polo de confecções de Divinópolis. Esse programa teve como objetivo proporcionar crédito às empresas associado à capacitação dessas. Apesar de ter sido um momento importante, pois muitas pessoas se capacitaram, o objetivo final não foi atingido uma vez que o crédito só foi oferecido para os que possuíam as condições exigidas.

Em meados de 2000, foi estruturado um Conselho Gestor que se reúne periodicamente para discutir as ações do aglomerado. Esse Conselho foi formado por várias entidades que participam ativamente, cada uma na sua área, como SEBRAE-MG e SINVESD, dentre outras. Atualmente tem-se o DRS (Desenvolvimento Regional Sustentável) de Confecções de Divinópolis, organizado pelo Banco do Brasil, com o intuito de reunir diversas entidades em projetos que visem o desenvolvimento sustentável do setor.

Foi criado o curso superior de Design de Moda a partir da percepção do potencial que o setor de vestuário representa para a indústria moderna e, sobretudo, por seu importante papel socioeconômico e cultural para a cidade e região. Assim, o curso foi criado atendendo a uma demanda da cidade, aumentando a oferta de profissionais na área.

Dessa forma, o arranjo encontra-se em um estágio de reestruturação para que consiga sobreviver às rápidas mudanças impulsionadas pela globalização.

Se a troca de informações e ações existentes entre as várias entidades do setor conseguir atingir seus objetivos, apresentará bons frutos que levarão o aglomerado a um estágio de fortalecimento para melhor competir no mercado atual.

### 3.2 RIO ACIMA E O ARTESANATO CERAMISTA

A Comunidade Rio Acima está inserida na zona rural do município de São João del-Rei. São João del-Rei, polo da mesoregião do Campo das Vertentes, possui bastante destaque, principalmente na saúde, na educação e na economia. Com uma população de 81.918 habitantes (IBGE, 2007) e com um IDH de 0,816 (PNUD, 2000), a cidade possui importantes empresas de pequeno e médio porte nas áreas têxteis, metalurgia, alimentícia, entre outras, sendo um dos principais polos industriais do Campo das Vertentes. A atividade turística e artesanal, devido a importância histórica do município, lhe dão um caráter diferenciado em relação a outras cidades da região.

Os estágios de desenvolvimento do aglomerado de artesanato ceramista foram divididos em três, também levando em consideração os acontecimentos marcantes que trouxeram modificações para a atividade.

1º estágio: A constituição de uma nova forma de geração de renda para a comunidade através de recursos públicos e parcerias.

O aglomerado da comunidade de Rio Acima surgiu de uma necessidade social e econômica da comunidade. Dada essa demanda, a Rede UNITRABALHO, por meio de recursos disponibilizados pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) propôs um curso de introdução à cerâmica aos interessados na comunidade em questão. Estes trabalhos iniciaram entre os meses de maio e junho de 2002. No intuito de contribuir para a diminuição do impacto negativo gerado pelo desemprego na cidade, o Estado de Minas Gerais, por meio do Serviço Voluntário de Assistência Social (SERVAS), instituiu uma parceria com a Universidade Federal de São João Del Rei - UFSJ, representada pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/UFSJ), além das Obras Sociais da Paróquia de São Francisco e uma empresa multinacional que atua na região.

Segundo análise documental disponibilizada pela ITCP/UFSJ e mediante depoimentos dos participantes que acompanharam o grupo de Rio Acima, nota-se que, após a realização do primeiro curso introdutório e de um curso de capacitação no segundo semestre de 2003, o contato da universidade com a comunidade foi perdido. Em novembro de 2004, representantes das Obras Sociais da Paróquia de São Francisco de

Assis procuraram a ajuda da ITCP/UFSJ, com vistas a retomar a mobilização do grupo e as atividades de cerâmica.

2º estágio: Da base produtiva de cunho rural para uma atividade artesanal

A partir da retomada das atividades entre a comunidade, a ITCP/UFSJ e as obras sociais, nota-se uma transição na realidade dos alunos do curso que se qualificaram e desenvolveram habilidades artesanais que lhe garantiram uma profissão. Durante esse período foi articulado um apoio do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado de Minas Gerais (SEBRAE-MG), o qual apresentou a possibilidade de financiamento dos equipamentos restantes necessários na olaria e dos cursos de capacitação para fabricação de cerâmica. Com essa nova atividade desenvolvida por esses alunos, os trabalhos na comunidade deixaram de ter um caráter extremamente rural para se apoiarem em uma atividade produtiva artesanal de fato.

As atividades no município de Rio Acima foram retomadas em setembro de 2005 com uma reunião, na qual ficou estabelecido que fosse ministrado um curso de gestão de negócio, por um consultor do SEBRAE-MG, juntamente com uma estagiária da ITCP. Após contato com as aulas de técnica de cerâmica, gestão de cooperativas e *design* de produtos, os artesãos já haviam criado duas linhas de produtos cerâmicos: presépios e oratórios. A Universidade promoveu uma exposição para estes ceramistas no Museu Regional da cidade de São João Del Rei/MG. Mesmo com a produção de duas coleções e mediante exposição das obras, o número de artesãos participantes do grupo teve uma redução drástica. Tal fato se deve a aprovação de alguns deles no vestibular da própria UFSJ.

No final do mês de setembro de 2006 aconteceu a cerimônia de entrega de diplomas e presença de autoridades representantes dos parceiros no projeto. Neste mesmo período, o grupo recebeu a visita de compradores de São Paulo, interessados em encomendar aproximadamente 1.500 pratos de cerâmica para uma grande empresa de cosméticos.

Este foi um momento crucial para que o grupo tivesse um contato mais direto com conceitos de autogestão e de economia solidária. Na expectativa da resposta da encomenda, pois a cerâmica estava concorrendo com dois outros materiais de outras oficinas, o grupo logo começou a se organizar e traçar planos de produção. Daí surgiram problemas. A hipótese de lucro e, conseqüentemente, sua partilha, logo causou discussões e desentendimentos no grupo. Por fim, a encomenda dos pratos de cerâmica não foi confirmada, pois a empresa optou por outros fabricantes.

Nesta etapa, os artesãos já haviam apreendido técnicas de fabricação e gestão. Então, no ano de 2008, a ITCP fez um levantamento nas cidades da região com a finalidade de identificar o processo de fabricação, comercialização e distribuição dos produtos. Ao estabelecer contato com os ceramistas locais, pôde-se notar que muitos deles estão em franca produção. Além disso, um ponto curioso é que a matéria-prima para produção é facilmente encontrada pelos artesãos. Por se tratar de argila ou barro, como eles mesmos chamam, é um material extremamente acessível, muitas vezes encontrado no próprio quintal de casa.

Através de entrevistas realizadas com os artesãos, constatou-se que muitos aprenderam a produzir com um mestre e depois de algum tempo começaram a fabricar suas obras sozinhos, utilizando as técnicas aprendidas com o instrutor. Outro fator importante diz respeito à proximidade física entre os artesãos, o que resulta em menores custos com transporte na distribuição. Muitos afirmaram que a atuação coletiva trouxe muitos ganhos para o grupo. A atuação coletiva trouxe eficiência aos artesãos, além de uma maior interação entre eles. Tal fato contribuiu para o desenvolvimento pautado na confiança e cooperação.

3º estágio: A reestruturação do coletivo solidário

Na fase atual de desenvolvimento do aglomerado, percebe-se que o coletivo está passando por uma reestruturação. Isto se deve ao fato de contarem diretamente com o apoio da ITCP. Eles estão passando por um processo de reavaliação das atividades administrativas e associativas. A incubadora teve algumas de suas atividades suspensas no ano de 2008, o que prejudicou o andamento de determinadas ações. Nota-se que o grupo estudado apresenta um estágio de desenvolvimento ainda rústico e precário.

Com o auxílio da ITCP, o grupo se organizou e de maneira participativa constituíram seu estatuto. Por fazer parte da Estrada Real, a cidade apresenta um volume considerável de turistas interessados nas riquezas por lá produzidas. Diante desses fatos, pode-se depreender a fundamental relevância de se identificar o atual estágio de cada aglomerado, no sentido de entender o potencial efetivo do grupo produtor, bem como facilitar a construção de uma melhor política pública de incentivo e planejamento de ações.

#### 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS - DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE OS AGLOMERADOS

O aprimoramento de um aglomerado geralmente implica em elementos que variam no tempo e podem



levar a diferentes caminhos de desenvolvimento. Além disso, o desenvolvimento de sistemas de suporte e a identificação de políticas, que levem em conta as especificidades e requisitos dos diferentes ambientes

e atores locais, também são de suma importância para a promoção de um arranjo. O Quadro 1 apresenta um resumo dos estágios de desenvolvimento dos dois aglomerados em estudo.

DIVINÓPOLIS - CONFECÇÕES	RIO ACIMA - ARTESANATO CERAMISTA
<p><b>1) Urbanização</b>  <i>Fatores Econômicos:</i> chegada da estrada de ferro; desenvolvimento e crise do setor siderúrgico.  <i>Fatores Sociais:</i> produção de confecções para subsistência.  <i>Fatores Políticos:</i> incentivo federal à indústrias de bens de consumo.</p>	<p><b>1) Nascimento</b>  <i>Fatores Econômicos:</i> novas alternativas para geração de renda, disponibilidade de cursos de capacitação.  <i>Fatores Sociais:</i> alto índice de desemprego na região.  <i>Fatores Políticos:</i> incentivo estadual para o Desenvolvimento Regional Sustentável.</p>
<p><b>2) Industrialização</b>  <i>Fatores Econômicos:</i> instalação de indústrias de matéria-prima; início dos “feirões” de vendas; habilidade artesanal das mulheres.  <i>Fatores Sociais:</i> desemprego em outros setores, possibilidade de geração de renda.  <i>Fatores Políticos:</i> fundação do Sindicato do Vestuário de Divinópolis.</p>	<p><b>2) Desenvolvimento</b>  <i>Fatores Econômicos:</i> criação de coleções de trabalho; exposição das obras no museu regional; desenvolvimento de técnicas próprias de fabricação, comercialização e distribuição; matéria-prima de baixo custo e fácil acesso; apoio à participação em feiras e exposições; habilidades artesanais  <i>Fatores Sociais:</i> disseminação e conhecimentos acerca de economia solidária e autogestão; redução do número de participantes; estímulo à coletividade, à cooperação e ao aumento da confiança entre os membros.  <i>Fatores Políticos:</i> incentivo estadual por parte do SERVAS, Paróquia São Francisco e UFSJ.</p>
<p><b>3) Crescimento e declínio</b>  <i>Fatores Econômicos:</i> aumento do número de firmas, aumento da competitividade e concorrência, forte mercado local.  <i>Fatores Sociais:</i> oportunidade de abertura de novos negócios  <i>Fatores Políticos:</i> criação de cursos técnicos apoiados pelo governo Federal.</p>	<p><b>3) Reestruturação</b>  <i>Fatores Econômicos:</i> demanda local por geração de renda.  <i>Fatores Sociais:</i> práticas solidárias entre os atores.  <i>Fatores Políticos:</i> criação de estatuto; incentivo no setor turístico por parte do governo Federal.</p>
<p><b>4) Reestruturação</b>  <i>Fatores Econômicos:</i> conhecimento e informações consolidadas, criação do curso superior de Design.  <i>Fatores Sociais:</i> aumento da cooperação entre entidades envolvidas no setor, modelos de carreira.  <i>Fatores Políticos:</i> criação de um Conselho Gestor.</p>	

Quadro 1 - Estágios de desenvolvimento (econômico, social e político) - Divinópolis e Rio Acima  
 Fonte: dados da pesquisa

Tendo por base o Quadro 1, pode-se depreender que existem alguns pontos de convergência e divergência entre os dois aglomerados estudados. Quanto aos pontos de convergência, em se tratando dos elementos que motivaram a formação e atuação dos aglomerados, ressalta-se o desemprego, a possibilidade de geração de renda, o aumento da cooperação entre os envolvidos, habilidade artesanal, qualificação, facilidade de acesso à matéria-prima e incentivos por parte de órgãos de fomento.

Sobre os fatores econômicos, nota-se a importância da habilidade artesanal para os dois aglomerados. Apesar do aglomerado de confecção se encontrar em um estágio industrializado, as

habilidades artesanais presentes no segundo estágio foram de suma importância para o desenvolvimento do setor. Para o aglomerado de artesanato ceramista, essa habilidade continua presente e é base fundamental para a fabricação de seus produtos. Este fato corrobora com as proposições de Britto (2004), que apresenta a qualificação artesanal como exigibilidade em arranjos tradicionais.

Outro fator econômico presente em ambos aglomerados foi a possibilidade de qualificação da mão-de-obra dessas regiões. Boari (2001) já destacava a importância da divisão local do trabalho para o desenvolvimento dos aglomerados. Apesar da capacitação formal ser pouco exigida em aglomerados

tradicionais (BRITTO, 2004), a criação dos cursos técnicos relacionados às atividades desenvolvidas nas regiões impulsionou o desenvolvimento tanto no município de Divinópolis, quanto na comunidade do Rio Acima.

A facilidade de acesso à matéria-prima também foi fator preponderante para o setor de confecções, com a vinda de indústrias relativas para o município e para o setor de artesanato ceramista, que trabalha com um tipo de matéria-prima bastante presente na região. A presença de indústrias relativas é destacada por Boari (2001) como fator preponderante para que o aglomerado atinja um determinado grau de amadurecimento.

No que tange aos fatores sociais, pode-se inferir que a necessidade de desenvolvimento regional teve um papel de extrema relevância na história desses aglomerados. Diante dessa realidade, mesmo que em diferentes épocas, o desemprego contribuiu para que fossem propostas novas alternativas para o crescimento das atividades em Divinópolis (MG) e em Rio Acima (MG). Tal fato fez com que alguns órgãos de fomento se atentassem para essa nova demanda da sociedade, o que impulsionou a formação de aglomerados produtivos nestas localidades supracitadas. Assim como apontado por Lemos et al. (2000), o incentivo governamental pode impulsionar tanto a criação quanto desenvolvimento de aglomerados. O impulso político gerado por esses órgãos faz com que haja um considerável desenvolvimento de técnicas e habilidades por parte dos atores sociais.

Quanto aos pontos de divergência, nota-se que, apesar do desemprego ser uma das motivações para o desenvolvimento dos dois aglomerados, a iniciativa partiu de grupos diferentes. No aglomerado de confecções, a iniciativa partiu do próprio cidadão, por meio de suas iniciativas empreendedoras, como forma de driblar o desemprego, transparecendo um desenvolvimento espontâneo (PARRILLI, 2007). Já no aglomerado de artesanato ceramista, a iniciativa partiu de organizações governamentais ou não, buscando uma alternativa para o desemprego da região. O fato dessa iniciativa partir de outras organizações e não dos próprios ceramistas pode estar contribuindo para os problemas no desenvolvimento do aglomerado. Conforme destacado por Porter (1999), os aglomerados exigem uma década ou mais para se desenvolverem, razão pela qual sempre falham as tentativas de criação de aglomerados por órgãos governamentais.

Quanto aos fatores políticos, outra divergência é constatada. Enquanto no aglomerado de confecções os incentivos governamentais foram focados no próprio

setor, no aglomerado de artesanato ceramista estes incentivos centralizaram-se no desenvolvimento social e no desenvolvimento de outros setores, que não o do próprio artesanato. Além disso, observa-se a criação de entidades representativas somente no aglomerado de confecções. Monteiro et al. (2006) defendem a existência de benefícios devido a presença destas entidades, como a diminuição da informalidade e da pirataria, o aumento da cooperação, as melhorias na qualificação profissional e a conquista de novos mercados; fatores estes que podem deixar o aglomerado ceramista em desvantagem.

Nota-se também que os fatores sociais do aglomerado de artesanato ceramista estão mais pautados na cooperação e solidariedade, o que pode ser fundamental para as relações entre os agentes. Cabe ressaltar que a atuação desses atores em aglomerados fez com que surgissem novas demandas por interação e cooperação entre eles. O fato de atuarem de forma conjunta fez crescer essa necessidade em prol de maiores ganhos em eficiência e competitividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto muitos estudos buscaram visualizar os estágios de desenvolvimento de uma determinada região, de forma individualizada, este estudo objetivou verificar as relações existentes entre esses estágios, observando seus pontos de convergência e divergência. Foram identificados aspectos que podem ser decisivos no surgimento e no desenvolvimento de aglomerados em determinados setores.

Assim, pode-se concluir que, apesar dos aglomerados possuírem estágios de desenvolvimento específicos, existem pontos de convergência que podem auxiliar o planejamento de ações públicas, não só para os aglomerados em estudo, como também para outros aglomerados tradicionais. Encontram-se como pontos de convergência: desemprego, possibilidade de geração de renda, aumento da cooperação, habilidade artesanal, qualificação, facilidade de acesso à matéria-prima e incentivos de órgãos de fomento.

Ainda, as divergências não devem ser ignoradas, uma vez que são de fundamental importância para visualizar os pontos positivos e negativos de cada aglomerado, levando-os a sobreviver neste mercado competitivo. Destacam-se diferentes motivações e diferentes incentivos governamentais como fatores divergentes no desenvolvimento desses aglomerados. Como apontado por Parrilli (2007), a pesquisa demonstra que a consolidação dos arranjos não está somente associada com fatores econômicos, mas também com fatores sociais e políticos.

Embora não seja possível o sucesso de *clusters* intencionalmente estruturados, as respostas estratégicas requerem as agências públicas como catalisadoras ou mediadoras. Para um efetivo desenvolvimento político, entender a estrutura industrial é vital (TAKEDA et al., 2008). Dessa forma, o trabalho também contribui para que as políticas públicas regionais sejam elaboradas de acordo com o atual estágio de desenvolvimento dos aglomerados em estudo, facilitando o desenvolvimento e aprimoramento desses aglomerados. Nota-se que, no aglomerado de confecções, torna-se necessário um aprimoramento das relações entre os agentes do aglomerado, principalmente do empresariado. Já no aglomerado de artesanato ceramista, é necessário existir uma maior iniciativa por parte dos próprios artesãos para que o setor se desenvolva de fato.

Ainda, o estudo serve como ponto de referência para políticas públicas de outros aglomerados considerados tradicionais. Incentivos à qualificação de mão-de-obra à facilidade de se obter matéria-prima, à iniciativa empreendedora dos cidadãos e às políticas direcionadas para o próprio setor podem ser pontos fundamentais para o desenvolvimento de estratégias utilizadas em determinados aglomerados. Importante destacar que as políticas precisam ser aplicadas diferencialmente para diferentes categorias de *clusters* (SCHMITZ; NADVI, 1999), tudo deve ser feito com um conhecimento prévio do aglomerado que receberá o incentivo.

É importante ressaltar que esta pesquisa tem como limitação o uso restrito de um setor, focando somente em aglomerados tradicionais. Ao focar a competitividade somente no setor em que a indústria de encontra, deixam-se de lado importantes considerações sobre a estrutura interna das empresas presentes no aglomerado, estrutura essa que pode também influenciar o desenvolvimento desses arranjos. Além disso, o uso de entrevistas episódicas somente com entidades promotoras pode gerar vieses nas respostas obtidas.

Nestesentido, seria interessante desenvolvimento de estudos que buscassem a comparação dos estágios de desenvolvimento em outros setores, como os setores de alta tecnologia, verificando se, além das diferenças e semelhanças do desenvolvimento entre estes, há diferenças e semelhanças entre aglomerados de diferentes setores. Outros estudos que podem ser delineados nessa temática são entrevistas de caráter qualitativo com os interessados diretos pelo desenvolvimento dos aglomerados: os empresários confeccionistas e os artesãos ceramistas.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, A. M. M.; CARVALHO, P. F. B.; OLIVEIRA, P. A. B. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 17, n. 28, p. 163-180, 2007.

AMATO NETO, J. A. Redes de Cooperação produtiva: uma revisão conceitual. In: AMATO NETO, J. A. **Redes de cooperação produtiva e clusters regionais: Oportunidades para as pequenas e médias empresas**. São Paulo: Atlas, 2001, p. 41-80.

BEST, M. **The new competition: institutions for industrial restructuring**. Harvard University Press, Cambridge, 1990.

BOARI, C. **Industrial Clusters, Focal Firms, and Economic Dynamism: A Perspective from Italy**. Washington: World Bank Institute, 2001. Stock, N. 37186, 24 p.

BRITTO, J. Cooperação e aprendizado em arranjos produtivos locais em busca de um referencial analítico. In: Relatório de atividades do referencial conceitual, metodológico, analítico e propositivo - **RedeSist**, Rio de Janeiro: UFRJ/SEBRAE, 2004.

BRUSCO, S. **Industrial Districts and Inter-firm Cooperation in Italy**. London: Routledge, 1990.

\_\_\_\_\_. The rules of the game in industrial districts. In: GRANDORI, A. **Interfirm networks: organization and industrial competitiveness**. London: Routledge, 1999.

CASSIOLATO, J. E.; SZAPIRO, M.; LASTRES, H. M. M. Caracterização e taxonomias de arranjos e sistemas produtivos locais de micro e pequenas empresas. In: RELATÓRIO de atividades do referencial conceitual, metodológico, analítico e propositivo-RedeSist. Rio de Janeiro: UFRJ/SEBRAE, 2004.

CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M. M. O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas. In: RELATÓRIO de atividades do referencial conceitual, metodológico, analítico e propositivo - RedeSist. Rio de Janeiro: UFRJ/SEBRAE, 2004.

CRUZ, J. A. W.; MARTINS, T. S.; VIEIRA DA SILVA, W.; SOUZA, A.; DAMIÃO, E. Análise de Redes Sociais: Uma abordagem temporal aplicado a um caso brasileiro. **Iberoamerican Academy of Management**. Buenos Aires, 2009.

FERREIRA, F. C. M.; GOLSSZMIDT, R. G. B.; CSILLAG, J. M. A Relação Entre a Concentração Regional

das Indústrias e o Desempenho das Firms: Uma Abordagem Multinível. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 33, 2009. São Paulo. *Anais...* São Paulo. ANPAD, 2009.

FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004. p. 87-143.

GORDON, I. R.; McCANN, P. Cluster, innovation e regional development: na analysis of current theories and evidence. In: KARLSSON, C.; JOHANSSON, B.; STOUGH, R. R. *Industrial clusters and inter-firm networks*. Cheltenham: Elgar, 2005.

GUERRIERI, P.; PIETROBELLI, C. Industrial districts' evolution and technological regimes: Italy and Taiwan. *Technovation*, v. 24, p. 899-914, 2004.

HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. p. 53-92.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Relatórios Municipais*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 08 jul. 2009.

KELLER, P. F. Clusters, distritos industriais e cooperação interfirmas: uma revisão da literatura. *Revista Economia e Gestão*, v. 8, n. 16, 2008.

LEMOS, M. B.; DINIZ, C. C.; SANTOS, F. B. T.; CROCCO, M. A.; CAMARGO, O. O arranjo produtivo da Fiat de fornecedores. *Estudos empíricos - IE/UFRJ*. Nota técnica 17, dez. 2000.

MARKUSEN, A. Sticky places in slippery space: a typology of industrial districts. *Economic Geography*, p. 293-313, 1996.

MCCANN, B. T.; FOLTA, T. B. Performance differentials within geographic clusters. *Journal of Business Venturing*, abr., 2009.

MINAS GERAIS. *Fundação João Pinheiro*. Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Disponível em: <<http://www.fjp.gov.br/produtos/cees/>>. Acesso em: 08 jul. 2009

MONTEIRO, L. M. A.; SCARPIM, E. P.; BARBOSA DE SOUZA, M. A.; SACOMANO, M.; CERIZZA, A. A. A instituição como externalidade positiva em arranjos produtivos locais. In: Simpósio de Engenharia de Produção, 13, 2006. *Anais...*, Bauru, SP: SIMPEP, 2006.

PARRILLI, M. D. A stage and eclectic approach to industrial districts development: two policy keys for survival clusters in developing countries. In: PARRILLI, M. D. *SME cluster development: a dynamic view of survival clusters in developing countries*. New York: Palgrave Macmillan, pp.82-104, 2007.

PIORE, M.; SABEL, C. *The second industrial divide: possibilities for prosperity*. Nova York, Basic Books. 1984.

PNUD. PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. *Human Development Report*, 2000. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH>>. Acesso em: 08 jul. 2009.

PORTER, M. *A vantagem competitiva das nações*. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

\_\_\_\_\_. Aglomerados e competição: novas agendas para empresas, governo e instituições. In: PORTER, M. *Competição: estratégias competitivas essenciais*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PUGA, D. The magnitude and causes of agglomeration economies. *Journal of Regional Science*, forthcoming, 2010.

SCHIMITZ, H.; NADVI, K. Clustering and industrialization: Introduction. *World development*. V. 27, n. 9, p. 1503-1514, 1999.

TAKEDA, Y.; KAJIKAWA, Y.; SAKATA, I.; MATSUSHIMA, K. An analysis of geographical agglomeration and modularized industrial networks in a regional clusters: A case study at Yamagata prefecture in Japan. *Technovation*, v. 28, p. 531-539, 2008.

VERGARA, S. C. *Métodos de pesquisa na administração*. São Paulo: Atlas, 2005, p. 121-265.